

Reportagem Especial *

Série: Guerra das águas

● **No capítulo de amanhã**
Agricultores de Vista Alegre, em Goiás, perdem acesso ao Rio Batalha após formação de lago para usina.



NA WEB
Especial. Acompanhe a série Guerra das águas estadao.com.br/eguerradasaguas

FOTOS: EDNA SAMPAIO/ESTÁDIO - 10/12/2018



Paisagem comum. Búfalos em igarapé em território onde vivem índios muras no Amazonas; mais de 10 mil famílias são afetadas pelo avanço da criação dos animais na região

CRIADORES DE BÚFALOS E ÍNDIOS DISPUTAM IGARAPÉS

No Amazonas, muras e fazendeiros vivem em conflito, em meio a manadas, água suja e cercas elétricas

Patrik Campores (TEXTO)
Dida Sampaio (FOTOS E VÍDEOS)

Chamados de "corsários" da Amazônia pelos viajantes europeus no Brasil Colônia, os índios muras sempre foram exímios conhecedores de rios, igarapés e furos de água da região de Autazes, no Amazonas. Tinham ainda o domínio de labirintos fluviais, que lhes permitiam ataques repentinos e exitosos. Hoje, enfrentam cercas elétricas e manadas de búfalos nos cursos d'água que banham suas aldeias.

Ao percorrer mais de 100 quilômetros de barco por braços de rio no território dos muras, o Estado encontrou comunidades acucadas pelos búfalos, tocados na água por capatazes e pistoleiros. Em cinco aldeias, os muras identificaram seis igarapés totalmente ocupados por fazendeiros e vigiados por homens armados. "Se a gente passar pelo canal, leva tiro", afirma João Açosa Mura, cacique da Aldeia Trincheira.

"Há certos cidadãos aqui que mantêm três seguranças armados para a gente não passar com as canoas", conta o cacique. "No igarapé da Boca do Taboca, só passa se pedir permissão aos pistoleiros. Búfalo pode passar, mas mura não pode."

Mais de 10 mil famílias sofrem com o avanço da criação desses animais. Nos igarapés Taquara e Munduruku, o Estado encontrou cercas elétricas. Para atravessar de canoa os igarapés, crianças precisam abaxiar as cabeças, sob risco de choque. "A gente passa de teimoso, pois não quer se mostrar acuado", diz João.

Noutra ponta, fazendeiros acusam os índios de invadir suas propriedades e de cortar arame de cercas para matar os búfalos.

Quando uma manada de 20 a 30 animais com mais de uma tonelada cada entra num igarapé, levanta uma onda de lama do fundo do leito, deixando a água amarela e imprópria para consumo. "Quando você vê água barrenta, percebe que tem problema: o búfalo está descendo o igarapé. É a água que a gente vai consumir porque não tem outra", diz o cacique de Trincheira, que cobra das autoridades a retirada dos animais. "Todo mundo sabe que merda de búfalo tira o oxigênio da água."

Nas terras em volta da Aldeia Padre, os búfalos chegaram há dez anos. A água está imprópria para o consumo, assim como navizinha Taquara. "Os búfalos dos fazendeiros poluem nossas águas e comem nos sacos", descreve Mariomar Mu-



Imprópria. Líder indígena mostra líquido amarelado retirado de rio; passagem de búfalos contamina a água

ra, 49 anos, cacique da Aldeia Padre. Os índios reclamam que o poder público fechou os olhos para o problema. Ao Estado, a Fundação Nacional do Índio (Funai) disse que a presença dos búfalos é "recorrente" na terra indígena por causa da localização geográfica das aldeias, muito próximas às fazendas. "A Funai realizou ações de fiscalização pelas quais os fazendeiros são solicitados a retirar os animais que parem em algum território indígena do povo mura", destacou a fundação.

O Ministério Público Federal informou ter recomendado a integrantes da associação dos fazendeiros que parem de constranger e ameaçar os índios. Os procuradores receberam denúncia de que um índio foi ameaçado de morte. "Por envolver indícios de prática de ameaça, o caso foi encaminhado para investigação criminal", disse o MP.

Após navegar duas horas e meia a partir de Manaus pelo Rio Solimões, percorrer uma estrada de 115 quilômetros na floresta e cortar um braço do Madeira numa lancha, o Estado chegou ao território dos muras. Durante 14 horas, a equipe atravessou um labirinto de águas dentro da terra indígena. Ao longo da viagem, a embarcação que transportava os repórteres foi obrigada a desviar de mais de 20 manadas. "Cuido de 70. Mas perdi dois bichos. A gente sabe que foi mura", diz Flávio Coelho, 28 anos, funcionário de uma fazenda. Moreno de cabelos escuros, Flávio tem pai e mãe índios. Mas não se reconhece como tal. Nas vilas ribeirinhas, os índios são vistos com preconceito. "Não tenho carteira de índio."

O criador de búfalo Benedito Gomes, 60 anos, de 57 anos, é outro mura que nega o parentesco. "Índio é quem



Ribeirinhos. Família navega nas águas barrentas do Rio Amazonas



vive em aldeia." Seu rebanho de 100 cabeças vive dentro e nas margens do rio. "As vezes o bicho some e chega aqui cortado, atirado (vítima de tiro)". Cada búfalo adulto chega a custar de

por trás e enfiou uma chave de fenda nas suas costas. Veu ainda correu atrás do agressor, com a ferramenta fincada em seu corpo.

Com mandado de prisão decretado, Doriedson Rodrigues da Silva, acusado pelo assassinato, está foragido. Ele não constituiu defesa. O crime na disputa pelo Igarapé do Tiningu, a 60 quilômetros do encontro das águas barrentas do Rio Amazonas com as claras do Tapajós, seguiu o roteiro dos conflitos mapeados nesta série. O igarapé foi fechado para irrigar fazendas, faltou água para consumo humano e, assim, começou a guerra.

A polícia não apontou envolvimento do patrão de Doriedson no crime. O fazendeiro tinha mandado seus peões cercarem o igarapé, impedindo o acesso dos moradores. Dias antes do assassinato, a Justiça de Santarém havia determinado que a fazenda onde o Doriedson trabalhava "cessasse" a prática. O dono da propriedade não foi localizado para comentar o caso.

Numa manhã de dezembro, o Estado esteve no Tiningu. O líder da comunidade de 80 famílias, Benedito Mota, o Bena, 60 anos, observa que o quilombo está cercado por madeiros, grileiros e donos de serrarias. Na lista de ameaças de morte, ele relata que as matas ao redor da comunidade guardam as nascentes do Tiningu. "É na disputa injusta por este igarapé que nosso irmão morreu", diz Bena sobre Vêu.

O plantio irrigado se intensificou nessa região da Amazônia. Os conflitos também. A Polícia Civil de Santarém contabiliza mais de cem Boletins de Ocorrência registrados por causa da briga por água em 2019.

A disputa pelo Tiningu virou guerra declarada entre fazendeiros e quilombolas quando o curso da água foi desviado. O rio deixou de chegar à comunidade. Em uma discussão motivada por esse confronto, segundo a Polícia Civil, o capataz da fazenda chamou Vêu para a briga e desafiou líderes quilombolas.

É difícil para agente de saúde Ilcecleia Gomes Bectel, 38 anos, esquecer a imagem do marido ensanguentado. Quando fala de Vêu, chora de soluçar. "O capataz vivia ameaçando, dizendo que eu ia ficar viva."

Assassinatos por conflitos de água também foram registrados em outras regiões do País. Em Mato Grosso, em 5 de janeiro de 2019, seguranças dispararam contra agricultores que pegavam água no Rio Traira, uma área de conflito, em Colniã, a mil quilômetros de Cuiabá. Eli-seu Queres foi morto.

R\$ 3 mil a R\$ 5 mil. Uma fêmea produz até 15 litros de leite por dia.

Para impedir que os búfalos cheguem ao território "inimigo", Benedito compraria 1.700 metros de cerca. Ele acusa os índios de cortar o arame, liberando os bichos para abatê-los.

Assassinato no encontro dos rios

Ex-jogador do São Raimundo, de Santarém, o líder comunitário Haroldo de Silva Bectel, o Vêu, passou o dia 18 de setembro de 2018 na cidade, vendendo açai. À noite, foi para o campo de futebol da comunidade do Tiningu, onde morava com a mulher e um filho de 12 anos. Assistia a uma partida com um prato de comida na mão quando o capataz de uma fazenda chegou

P pressescroller
 PÁG. 10 | ESTÁDIO | 3 DE FEVEREIRO DE 2020